

## *Crisálidas*

---

Texto-fonte:  
*Obra Completa*, Machado de Assis, vol. II,  
Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1994.

Publicado originalmente no Rio de Janeiro, por B.-L. Garnier, em 1864.

### **ÍNDICE**

[MUSA CONSOLATRIX](#)

[VISIO](#)

[QUINZE ANOS](#)

[STELLA](#)

[EPITÁFIO DO MÉXICO](#)

[POLÔNIA](#)

[ERRO](#)

[ELEGIA](#)

[SINHÁ](#)

[HORAS VIVAS](#)

[VERSOS A CORINA](#)

[ÚLTIMA FOLHA](#)

### **POEMAS PRESENTES NA PRIMEIRA EDIÇÃO**

[LÚCIA](#)

[O DILÚVIO](#)

[FÉ](#)

[A CARIDADE](#)

[A JOVEM CATIVA](#)

[NO LIMIAR](#)

[ASPIRAÇÃO](#)

[CLEÓPATRA](#)

[OS ARLEQUINS](#)

[AS ONDINAS](#)

[MARIA DUPLESSIS](#)

[AS ROSAS](#)

[OS DOUS HORIZONTES](#)

[MONTE ALVERNE](#)

[AS VENTOINHAS](#)

[ALPUJARRA](#)

[EMBIRRAÇÃO](#)

[POSFÁCIO](#)

### **MUSA CONSOLATRIX**

Que a mão do tempo e o hálito dos homens  
Murchem a flor das ilusões da vida,  
Musa consoladora,  
É no teu seio amigo e sossegado  
Que o poeta respira o suave sono.

Não há, não há contigo,  
Nem dor aguda, nem sombrios ermos;  
Da tua voz os namorados cantos  
Enchem, povoam tudo  
De íntima paz, de vida e de conforto.

Ante esta voz que as dores adormece,  
E muda o agudo espinho em flor cheirosa,  
Que vales tu, desilusão dos homens?  
Tu que podes, ó tempo?  
A alma triste do poeta sobrenada  
À enchente das angústias,  
E, afrontando o rugido da tormenta,  
Passa cantando, alcione divina.  
Musa consoladora,  
Quando da minha fronte de mancebo  
A última ilusão cair, bem como  
Folha amarela e seca  
Que ao chão atira a viração do outono,  
Ah! no teu seio amigo

Acolhe-me, — e haverá minha alma aflita,  
Em vez de algumas ilusões que teve,  
A paz, o último bem, último e puro!

## VISIO

Eras pálida. E os cabelos,  
Aéreos, soltos novelos  
Sobre as espáduas caíam...  
Os olhos meio cerrados  
De volúpia e de ternura  
Entre lágrimas luziam...  
E os braços entrelaçados,  
Como cingindo a ventura,  
Ao teu seio me cingiam...

Depois, naquele delírio,  
Suave, doce martírio  
De pouquíssimos instantes  
Os teus lábios sequiosos,  
Frios, trêmulos, trocavam  
Os beijos mais delirantes,  
E no supremo dos gozos  
Ante os anjos se casavam  
Nossas almas palpitantes...

Depois... depois a verdade,  
A fria realidade,  
A solidão, a tristeza;  
Daquele sonho desperto,  
Olhei... silêncio de morte  
Respirava a natureza, —  
Era a terra, era o deserto,  
Fora-se o doce transporte,  
Restava a fria certeza.

Desfizera-se a mentira:  
Tudo aos meus olhos fugira,  
Tu e o teu olhar ardente,  
Lábios trêmulos e frios,  
O abraço longo e apertado,  
O beijo doce e veemente;  
Restavam meus desvarios,  
E o incessante cuidado,  
E a fantasia doente.

E agora te vejo. E fria  
Tão outra estás da que eu via  
Naquele sonho encantado!  
És outra, calma, discreta,  
Com o olhar indiferente,  
Tão outro do olhar sonhado,  
Que a minha alma de poeta  
Não se vê a imagem presente  
Foi a visão do passado.

Foi, sim, mas visão apenas;  
Daquelas visões amenas  
Que à mente dos infelizes  
Descem vivas e animadas,  
Cheias de luz e esperança  
E de celestes matizes:  
Mas, apenas dissipadas,  
Fica uma leve lembrança,  
Não ficam outras raízes.

Inda assim, embora sonho,  
Mas, sonho doce e risonho,  
Desse-me Deus que fingida  
Tivesse aquela ventura  
Noite por noite, hora a hora,  
No que me resta de vida,  
Que, já livre da amargura,  
Alma, que em dores me chora,  
Chorara de agradecida!

## QUINZE ANOS

*Oh! la fleur de l'Eden, pourquoi l'as-tu  
fannée,  
Insouciant enfant, belle Eve aux blonds  
cheveux!*

ALFRED DE MUSSET

Era uma pobre criança...  
— Pobre criança, se o eras! —  
Entre as quinze primaveras  
De sua vida cansada  
Nem uma flor de esperança  
Abria a medo. Eram rosas  
Que a doida da esperdiçada  
Tão festivas, tão formosas,  
Desfolhava pelo chão.  
— Pobre criança, se o eras! —  
Os carinhos mal gozados  
Eram por todos comprados,  
Que os afetos de sua alma  
Havia-os levado à feira,  
Onde vendera sem pena  
Até a ilusão primeira  
Do seu doido coração!

Pouco antes, a candura,  
Coas brancas asas abertas,  
Em um berço de ventura  
A criança acalentava  
Na santa paz do Senhor;  
Para acordá-la era cedo,  
E a pobre ainda dormia  
Naquele mudo segredo

Que só abre o seio um dia  
Para dar entrada a amor.

Mas, por teu mal, acordaste!  
Junto do berço passou-te  
A festiva melodia  
Da sedução... e acordou-te!  
Colhendo as límpidas asas,  
O anjo que te velava  
Nas mãos trêmulas e frias  
Fechou o rosto... chorava!

Tu, na sede dos amores,  
Colheste todas as flores  
Que nas orlas do caminho  
Foste encontrando ao passar;  
Por elas, um só espinho  
Não te feriu... vais andando...  
Corre, criança, até quando  
Fores forçada a parar!

Então, desflorada a alma  
De tanta ilusão, perdida  
Aquela primeira calma  
Do teu sono de pureza;  
Esfoldadas, uma a uma,  
Essas rosas de beleza  
Que se esvaem como a espuma  
Que a vaga cospe na praia  
E que por si se desfaz;

Então, quando nos teus olhos  
Uma lágrima buscares,  
E secos, secos de febre,  
Uma só não encontrares  
Das que em meio das angústias  
São um consolo e uma paz;

Então, quando o frio 'spectrum  
Do abandono e da penúria  
Vier aos teus sofrimentos  
Juntar a última injúria:  
E que não vires ao lado  
Um rosto, um olhar amigo  
Daqueles que são agora  
Os desvelados contigo;

Criança, verás o engano  
E o erro dos sonhos teus;  
E dirás, — então já tarde, —  
Que por tais gozos não vale  
Deixar os braços de Deus.

## **STELLA**

Já raro e mais escasso

A noite arrasta o manto,  
E verte o último pranto  
Por todo o vasto espaço.

Tíbio clarão já cora  
A tela do horizonte,  
E já de sobre o monte  
Vem debruçar-se a aurora.

À muda e torva irmã,  
Dormida de cansaço,  
Lá vem tomar o espaço  
A virgem da manhã.

Uma por uma, vão  
As pálidas estrelas,  
E vão, e vão com elas  
Teus sonhos, coração.

Mas tu, que o devaneio  
Inspiras do poeta,  
Não vês que a vaga inquieta  
Abre-te o úmido seio?

Vai. Radioso e ardente,  
Em breve o astro do dia,  
Rompendo a névoa fria,  
Virá do roxo oriente.

Dos íntimos sonhares  
Que a noite protegera,  
De tanto que eu vertera,  
Em lágrimas a pares,

Do amor silencioso,  
Místico, doce, puro,  
Dos sonhos de futuro,  
Da paz, do etéreo gozo,

De tudo nos desperta  
Luz de importuno dia;  
Do amor que tanto a enchia  
Minha alma está deserta.

A virgem da manhã  
Já todo o céu domina...  
Espero-te, divina,  
Espero-te, amanhã.

## **EPITÁFIO DO MÉXICO**

Dobra o joelho: — é um túmulo.  
Embaixo amortalhado  
Jaz o cadáver tépido  
De um povo aniquilado;  
A prece melancólica

Reza-lhe em torno à cruz.

Ante o universo atônito  
Abriu-se a estranha liça,  
Travou-se a luta fêrvida  
Da força e da justiça;  
Contra a justiça, ó século,  
Venceu a espada e o obus.

Venceu a força indômita;  
Mas a infeliz vencida  
A mágoa, a dor, o ódio,  
Na face envilecida  
Cuspiu-lhe. E a eterna mácula  
Seus louros murchará.

E quando a voz fatídica  
Da santa liberdade  
Vier em dias prósperos  
Clamar à humanidade,  
Então revivo o México  
Da campa surgirá.

## **POLÔNIA**

*E ao terceiro dia a alma deve voltar ao  
corpo, e a nação ressuscitará.*

MICKIEWICZ

Como aurora de um dia desejado,  
Clarão suave o horizonte inunda.  
É talvez a manhã. A noite amarga  
Como que chega ao termo; e o sol dos livres,  
Cansado de te ouvir o inútil pranto,  
Alfim ressurgue no dourado Oriente.

Eras livre, — tão livre como as águas  
Do teu formoso, celebrado rio;  
A coroa dos tempos  
Cingia-te a cabeça veneranda;  
E a desvelada mãe, a irmã cuidosa,  
A santa liberdade,  
Como junto de um berço precioso,  
À porta dos teus lares vigiava.

Eras feliz demais, demais formosa;  
A sanhuda cobiça dos tiranos  
Veio enlutar teus venturosos dias...  
Infeliz! a medrosa liberdade  
Em face dos canhões espavorida  
Aos reis abandonou teu chão sagrado;  
Sobre ti, moribunda,  
Viste cair os duros opressores:  
Tal a gazela que percorre os campos,  
Se o caçador a fere,

Cai convulsa de dor em mortais ânsias,  
E vê no extremo arranco  
Abater-se sobre ela  
Escura nuvem de famintos corvos.  
Preso uma vez da ira dos tiranos,  
Os membros retalhou-te  
Dos senhores a esplêndida cobiça;  
Em proveito dos reis a terra livre  
Foi repartida, e os filhos teus — escravos —  
Viram descer um véu de luto à pátria  
E apagar-se na história a glória tua.

A glória, não! — É glória o cativo,  
Quando a cativa, como tu, não perde  
A aliança de Deus, a fé que alenta,  
E essa união universal e muda  
Que faz comuns a dor, o ódio, a esperança.  
Um dia, quando o cálice da amargura,  
Mártir, até às fezes esgotaste,  
Longo tremor correu as fibras tuas;  
Em teu ventre de mãe, a liberdade  
Parecia soltar esse vagido  
Que faz rever o céu no olhar materno;  
Teu coração estremeceu; teus lábios  
Trêmulos de ansiedade e de esperança,  
Buscaram aspirar a longos tragos  
A vida nova nas celestes auras.

Então surgiu Kosciusko;  
Pela mão do Senhor vinha tocado;  
A fé no coração, a espada em punho,  
E na ponta da espada a torva morte,  
Chamou aos campos a nação caída.  
De novo entre o direito e a força bruta  
Empenhou-se o duelo atroz e infausto  
Que a triste humanidade  
Inda verá por séculos futuros.  
Foi longa a luta; os filhos dessa terra  
Ah! não pouparam nem valor nem sangue!  
A mãe via partir sem pranto os filhos,  
A irmã o irmão, a esposa o esposo,  
E todas abençoavam  
A heróica legião que ia à conquista  
Do grande livramento.

Coube às hostes da força  
Da pugna o alto prêmio;  
A opressão jubilosa  
Cantou essa vitória de ignomínia;  
E de novo, ó cativa, o véu de luto  
Correu sobre teu rosto!  
Deus continha  
Em suas mãos o sol da liberdade,  
E inda não quis que nesse dia infausto  
Teu macerado corpo alumiasse.  
Resignada à dor e ao infortúnio,  
A mesma fé, o mesmo amor ardente  
Davam-te a antiga força.



Triste viúva, o templo abriu-te as portas;  
Foi a hora dos hinos e das preces;  
Cantaste a Deus, tua alma consolada  
Nas asas da oração aos céus subia,  
Como a refugiar-se e a refazer-se  
    No seio do infinito.  
E quando a força do feroz cossaco  
À casa do Senhor ia buscar-te,  
    Era ainda rezando  
Que te arrastavas pelo chão da igreja.  
Pobre nação! — é longo o teu martírio;  
A tua dor pede vingança e termo;  
Muito hás vertido em lágrimas e sangue;  
É propícia esta hora. O sol dos livres  
Como que surge no dourado Oriente.  
    Não ama a liberdade  
Quem não chora contigo as dores tuas;  
E não pede, e não ama, e não deseja  
Tua ressurreição, finada heróica!

## **ERRO**

Erro é teu. Amei-te um dia  
Com esse amor passageiro  
Que nasce na fantasia  
E não chega ao coração;  
Não foi amor, foi apenas  
Uma ligeira impressão;  
Um querer indiferente,  
Em tua presença, vivo,  
Morto, se estavas ausente,  
E se ora me vês esquivo,  
Se, como outrora, não vês  
Meus incensos de poeta  
Ir eu queimar a teus pés,  
É que, — como obra de um dia,  
Passou-me essa fantasia.

Para eu amar-te devias  
Outra ser e não como eras.  
Tuas frívolas quimeras,  
Teu vão amor de ti mesma,  
Essa pêndula gelada  
Que chamavas coração,  
Eram bem fracos liames  
Para que a alma enamorada  
Me conseguissem prender;  
Foram baldados tentames,  
Saiu contra ti o azar,  
E embora pouca, perdeste  
A glória de me arrastar  
Ao teu carro... Vãs quimeras!  
Para eu amar-te devias  
Outra ser e não como eras...

## ELEGIA

*A bondade choremos inocente  
Cortada em flor que, pela mão da morte,  
Nos foi arrebatada dentre a gente.*

CAMÕES — *Elegias*

Se, como outrora, nas florestas virgens,  
Nos fosse dado — o esquife que te encerra  
Erguer a um galho de árvore frondosa  
Certo não tinhas um melhor jazigo  
Do que ali, ao ar livre, entre os perfumes  
Da florente estação, imagem viva  
De teus cortados dias, e mais perto  
Do clarão das estrelas.

Sobre teus pobres e adorados restos,  
Piedosa, a noite ali derramaria  
De seus negros cabelos puro orvalho  
À beira do teu último jazigo  
Os alados cantores da floresta  
Iriam sempre modular seus cantos;  
Nem letra, nem lavor de emblema humano,  
Relembraria a mocidade morta;  
Bastava só que ao coração materno,  
Ao do esposo, ao dos teus, ao dos amigos,  
Um aperto, uma dor, um pranto oculto,  
Disseste: — Dorme aqui, perto dos anjos,  
A cinza de quem foi gentil transunto  
De virtudes e graças.

Mal havia transposto da existência  
Os dourados umbrais; a vida agora  
Sorria-lhe toucada dessas flores  
Que o amor, que o talento e a mocidade  
À uma repartiam.

Tudo lhe era presságio alegre e doce;  
Uma nuvem sequer não sombreava,  
Em sua frente, o íris da esperança;  
Era, enfim, entre os seus a cópia viva  
Dessa ventura que os mortais almejam,  
E que raro a fortuna, avessa ao homem,  
Deixa gozar na terra.

Mas eis que o anjo pálido da morte  
A pressentiu feliz e bela e pura,  
E, abandonando a região do olvido,  
Desceu à terra, e sob a asa negra  
A frente lhe escondeu; o frágil corpo  
Não pôde resistir; a noite eterna  
Veio fechar seus olhos;  
Enquanto a alma, abrindo  
As asas rutilantes pelo espaço.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

